



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ORLANDO PEREIRA COSTA

RASTROS E BREVES OLHARES DA ARTE MEDIEVAL NA
ARQUITETURA ECLESIAÍSTICA SERGIPANA

SÃO CRISTÓVÃO

2022.1

ORLANDO PEREIRA COSTA

**RASTROS E BREVES OLHARES DA ARTE MEDIEVAL NA ARQUITETURA
ECLESIÁSTICA SERGIPANA**

Artigo Científico apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientação: Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

SÃO CRISTÓVÃO

2022.1

Resumo: Este artigo tem por objeto compreender os elementos que caracterizam os estilos artísticos românico e gótico durante o período da Idade Média e por meio dessa análise busca investigar as permanências desses estilos de arte na arquitetura Brasileira, de modo mais específico na arquitetura sacra de Sergipe. Dessa forma é feita uma problematização dos impactos gerados a partir da introdução desses estilos artísticos, mostrando a sua funcionalidade e a sua adesão na sociedade, assim como os significados e pretensões que essas construções carregam. Além disso, há a pretensão de mostrar também como esses estilos arquitetônicos assumiram a função de estabelecer uma forma de comunicação entre o homem e o sagrado e entre o clero e a sociedade, desse modo serão apresentadas as reminiscências desses estilos de arte que estão presentes ainda na contemporaneidade.

Palavras-chave: Idade Média – Arquitetura Sacra – Sergipe.

Abstract: This article aims to understand the elements that characterize the Romanesque and Gothic artistic styles during the Middle Ages and, through this analysis, seeks to investigate the permanence of these art styles in Brazilian architecture, more specifically in the sacred architecture of Sergipe. In this way, a problematization of the impacts generated from the introduction of these artistic styles is made, showing their functionality and their adhesion in society, as well as the meanings and pretensions that these constructions carry. In addition, there is also the intention of showing how these architectural styles assumed the function of establishing a form of communication between man and the sacred and between the clergy and society, in this way the reminiscences of these art styles that are still present will be presented. in contemporaneity.

Keywords: Middle Ages – Sacred Architecture – Sergipe.

1. Apresentação

Durante a Idade Média, as manifestações artísticas possuíam a funcionalidade de “oferecer a Deus as riquezas do mundo visível” (DUBY, 1993, p. 19), com o singular propósito de apaziguar o sacrifício do homem no plano terreno. Portanto, a Arte Medieval procurava “dialogar com as forças que regem a vida e a morte (idem)” sendo os monastérios os centros intelectuais de produção que regiam os movimentos artísticos, posto que eram os mediadores essenciais entre o homem e o sagrado.

Com a institucionalização do Cristianismo, uma onda de construção de Igrejas varreu a Europa feudal dos séculos X-XIII. Os construtores tomaram então os elementos da *Arquitetura Romana*, como colunas e arcos redondos, como sustentáculos na edificação das emergentes construções medievais. Esta reminiscência romana que atingira a Arte Medieval, a qual se tornaria convencionalmente denominada como *Arquitetura Românica*, se caracterizava pela edificação de: a) Abóbadas em substituição ao telhado das basílicas; b) Pilares maciços e paredes espessas; c) Aberturas raras e estreitas usadas como janelas; d) Torres que aparecem no cruzamento das naves ou na fachada; e) Contrastes entre zonas de luz e de sombras; Igrejas e Monastérios Muralhados enquanto “fortalezas de Deus”; A Heterogeneidade das Formas Arquitetônicas.

Entretanto, a partir do século XII, se observa uma mudança de estilo. Trata-se de uma mudança na maneira de conceber a função social e ideológica da Arquitetura Cristã. A Igreja enquanto uma fortaleza ao mundo exterior, determinada pela Arquitetura Românica, acaba sendo lentamente substituída por uma Igreja portadora das chaves do céu, com o advento da chamada Arquitetura Gótica.

Como bem destacara Baschet:

Se o românico era uma arte do muro, o gótico é uma arte da linha e da luz, sinal indubitável de uma relação com o mundo mais aberta, menos inquieta com o contato com as realidades mundanas, tão presentes nas próprias portas das catedrais (1993, p. 19)

Esta Arquitetura Gótica nasceu em território francês em meio ao século XII. Renegando as características do romano em sua totalidade, o Gótico emergira com um forte desejo de espiritualidade, no qual se observa como características basilares: a) a negação dos muros espessos do românico; b) a predileção pela luz: símbolo da presença

de Deus; c) a Verticalização das Catedrais: a proximidade com Deus; A Catedral dominando a cidade.

Com a “descoberta” do chamado *Novo Mundo* e a chegada da *Modernidade*, estas antagonicas estruturas artisticas medievais acabaram por influenciar nas composições artisticas efetuadas nas colonias em questão, sendo o Brasil, igualmente, um receptáculo destas manifestações no decorrer dos séculos.

Tais influências, contudo, não se restringiram ao passado colonial brasileiro, posto que ainda hoje, em meio a um contexto republicano, observamos o impacto e a subsequente influência arquitetônica exercida por estas manifestações artisticas, inclusive, em Sergipe.

Tendo-se em conta estas questões supracitadas, em nossa pesquisa, tomaremos como fontes analíticas, a *Igreja Metropolitana de Aracaju*, a *Igreja de São Salvador* e a *Igreja e Mosteiro de São Francisco*, a fim de problematizar o alcance – ou não - destas influências exercidas pelos estilos componentes da *Arte Medieval*

Inúmeras são as pesquisas que procuraram demonstrar o impacto dos estilos arquitetônicos medievais na configuração artística das sociedades coloniais da Idade Moderna. Entretanto, observamos uma ausência de abordagens que efetuem uma idêntica análise em relação as reminiscências destes estilos arquitetônicos na arquitetura contemporânea, em especial, a de natureza sacra.

Tendo isso em conta, a nossa investigação monográfica surge com o propósito de preencher a esta lacuna, ao investigar o impacto destas precisamente em um seletor conjunto de edificações sacras construídas em solo sergipano.

Acreditamos que o conjunto de edificações que analisaremos no decorrer de nossa monografia apresenta certamente uma gama de características que remontam aos estilos arquitetônicos medievais. O Museu de Arte Sacra de São Cristóvão assume características claras de um estilo românico ao portar um estilo mais fechado, com muralhas de natureza militar. Em contrapartida, a Igreja de São Salvador e a Catedral Metropolitana de Aracaju assumem características góticas ou neogóticas, como as presenças de inúmeros vitrais, e etc.

Por se tratar de um conceito crucial no andamento de nossa pesquisa, tomaremos como princípio norteador as teorias sobre a natureza da Arte, a fim de compreender as suas

manifestações a partir do contexto e da intencionalidade do artista, seguindo assim, as indicações de Auerbach (2009).

Evidentemente que este conceito de Arte sempre se apresentara problemático, posto que:

Uma coisa que realmente não existe é aquilo a que se dá o nome de Arte. Existem somente artistas. Outrora, eram homens que apanhavam terra colorida e modelavam toscamente as formas de um bisão na parede de uma caverna; hoje, alguns compram suas tintas e desenham cartazes para os tapumes; eles faziam e fazem muitas outras coisas. Não prejudica ninguém chamar a todas essas atividades arte, desde que conservemos em mente que tal palavra pode significar coisas muito diferentes, em tempos e lugares diferentes, e que Arte com A maiúsculo não existe. Na verdade, Arte com A maiúsculo passou a ser algo de um bicho-papão e de um fetiche. Podemos esmagar um artista dizendo-lhe que o que ele acaba de fazer pode ser muito bom no seu gênero, só que não é “Arte”. E podemos desconcertar qualquer pessoa que esteja contemplando com prazer um quadro, declarando que aquilo de que ela gosta não é Arte, mas algo muito diferente. Na realidade, não penso que existam quaisquer razões erradas para se gostar de um quadro ou de uma escultura. Alguém pode gostar de uma paisagem porque ela lhe recorda seu berço natal, ou de um retrato porque lhe lembra um amigo. Nada há de errado nisso. Todos nós, quando vemos um quadro, estamos fadados a recordar mil e uma coisas que influenciam o nosso agrado ou desagrado. Na medida em que essas lembranças nos ajudam a fruir do que vemos, não temos por que nos preocupar. Somente quando alguma recordação irrelevante nos torna parciais e preconceituosos, quando instintivamente voltamos as costas a um quadro magnífico de uma cena alpina porque não gostamos de praticar o alpinismo, é que devemos perscrutar o nosso íntimo para desvendar as razões da aversão que estraga um prazer que de outro modo poderíamos ter. Há razões erradas para não se gostar de uma obra de arte (GOMBRICH, 1999, p.1).

Portanto, no presente artigo, discutiremos o conceito de Arte, a fim de observarmos como os estilos arquitetônicos medievais – gótico e românico – foram apropriados em meio as edificações da arquitetura sacra sergipana.

O presente trabalho se estrutura da seguinte forma: na primeira parte, apresentamos uma compreensão geral das características definidoras dos estilos artísticos denominados como *românico* e *gótico* durante a Idade Média, buscando perscrutar as permanências desses estilos artísticos na Arquitetura Brasileira, para que posteriormente seja possível problematizar o impacto dos estilos arquitetônicos medievais – românico e gótico – na Arquitetura Sacra de Sergipe.

Na segunda parte, trazemos um breve resumo sobre a história da Cidade de São Cristóvão, com o intuito de introduzir o contexto da construção dos monumentos analisados, nesse caso, a igreja e convento de São Francisco (São Cristóvão-SE).

Na terceira parte, uma análise das obras que mais expressa a presença da continuidade do estilo gótico em sua composição artística, A catedral Metropolitana de Sergipe ou Igreja Matriz de Nossa Senhora Da Conceição.

Nas considerações finais serão retomadas algumas discussões importantes acerca do assunto abordado, assim como, a citação de outras construções eclesiásticas que carregam uma influencia clara do estilo gótico, como o exemplo da Igreja São Salvador (Aracaju- Se).

1 – A Arte Medieval e a Arquitetura Eclesiástica

O significado da arte de um modo geral foi sendo ressignificado em tempos e em lugares variados, a noção ou o entendimento acerca da arte no ocidente, por exemplo, foi motivo de crítica para muitos estudiosos que pensam sobre o assunto, nesse sentido a ideia de que todas as formas de olhar para uma obra de arte não devem ser apreciadas, a tornando esnobe é um pensamento bastante refutado por teóricos da arte. Ernst Gombrich (1995) autor de relevante obra sobre o assunto defendia que não haveria problemas em classificar algumas atividades como arte, desde que respeitasse que a palavra arte representa uma diversidade de sentidos em tempos e em diferentes lugares.

Ao olhar o período denominado de idade média é possível entender que foi um momento de formação da consciência de uma identidade propriamente europeia. Durante esse período de desenvolvimento da Europa, acaba surgindo uma arte também propriamente local (europeia). Vemos que há um florescimento artístico europeu que tem uma alavancada considerável a partir do século XI. Porém surgem algumas interpretações a cerca desse fenômeno que são cabíveis de uma análise mais detalhada. Nesse sentido Georges Duby, ao analisar esse processo no livro “a história artística da Europa” não busca interpretar o fenômeno artístico em sua natureza estética

Não consideramos essas formas com o mesmo olhar dos que os primeiros as viram. Para nós, são obras de Arte das quais esperamos apenas, como das que são criadas nos nossos dias, um prazer Estético. Para eles, esses momentos, esses objetos, essas imagens eram antes de mais nada

funcionais. Serviam. Numa sociedade fortemente hierarquizada que atribuía à invisível idêntica realidade e ainda mais poder do que ao visível e não acreditava que a morte fosse o fim do destino individual. (DUBY, 1997, p. 15)

As funções para a obra de arte nesse período possibilitam entender de forma mais clara as intenções iniciais de quem produzia a arte, nesse sentido é possível perceber que havia três funções principais para a obra de arte, em primeiro lugar era uma espécie de presente que era ofertado aos Deuses para obter em troca desses donativos sua insurgência e os seus favores. Outra função que passa a ser estabelecida com a influência de nomes importantes como Francisco de Assis que afirmava que as igrejas deveriam ser ricamente ornamentadas, pois acolhiam o corpo de Cristo, é a função de mediar uma comunicação com outro mundo, e por fim é importante também destacar que a obra de arte estabelecia uma espécie de afirmação de poder. Desse modo fica claro o quanto a obra de arte estabelecia uma relação de significado para aquela sociedade, a preocupação em manter uma relação mais próxima com o sagrado e com a glória proposta no âmbito do Cristianismo à arte medieval almejou construir um cenário que os diferenciasse do comum dos mortais, desse modo, arte tem seu desenvolvimento e mais especificamente em lugares onde havia uma concentração de poder.

De fato, nada parecia belo o suficiente para ser exibido diante dos olhos do todo poderoso. Na ânsia de agradar-lhe, havia que utilizar os materiais mais puros, os mais suntuosos e trabalhá-los tão finamente quanto a inteligência, a sensibilidade e a habilidade humanas permitissem. (DUBY, 1997, p. 16)

Quando pensamos no período medieval, uma ideia bastante difundida é a de que esse período não contou com uma estabilidade para aquela sociedade quanto à paz, reforçando a ideia de que foi um período com bastante guerras, violência e inúmeras migrações, tudo isso gera o entendimento de que foi um período bastante conturbado, onde as pessoas estavam mergulhadas na escuridão, Porém a duração considerável desse período mostrou a ocorrência de diversas transformações no tocante a arte, que é o objeto de análise do artigo, Gombrich destaca que em todos esses anos não foi possível ver o surgimento de um estilo claro e sim o conflito de um grande número de estilos diferentes.

Mesmo com todas as particularidades desse período, no fim dos cinco primeiros séculos é possível ver a formação de um estilo mais claro e definido.

Ao longo desses cinco séculos existiram homens e mulheres, em especial nos mosteiros e conventos, que amavam o saber e a arte, e tinham uma grande admiração pelas obras do mundo antigo ainda preservadas em bibliotecas e tesouros. Muitas vezes, esses monges cultos e educados que ocupavam posições de poder e influência na corte dos poderosos, tentaram ressuscitar as artes que tanto admiravam. (GOMBRICH, 1995, p.158)

Com a igreja cristã como religião do estado a partir de 311 d.C. uma série de problemas aparecem, dentre eles a questão dos locais de culto que passaram a não suportar a quantidade de fiéis que frequentavam as reuniões, GOMBRICH (p.133) alerta que quando a igreja passa a ser o poder supremo no reino, o seu relacionamento com a arte teve que ser reexaminando. Porém, havia uma necessidade de diferenciação entre os novos locais de culto e os antigos, para isso, houve uma discussão concernente a decoração das basílicas e a exclusão das estátuas que foi um ponto de acordo entre a maioria dos cristãos, para que não houvesse uma relação de associação com os antigos Deuses pagãos.

Não há como negar a influência do Cristianismo na arte medieval, quando imaginamos a arte do período, a nossa mente é direcionada às imagens das igrejas e pinturas que remontam o imaginário do medievo. Foi através dessas obras eclesiásticas que dois estilos arquitetônicos ganharam bastante notoriedade, e acabaram ditando de certo modo as produções culturais durante alguns séculos. A arte românica e a arte gótica são vistas como uma evolução do que um dia foi à arte romana.

A IGREJA ROMÂNICA

Mesmo com os entraves e disputas que marcaram o ano de 1066, tornando esse ano um marco, devido a uma série de acontecimentos, as construções inglesas acabaram não sobrevivendo ao período, porém, os Normandos depois de um tempo de investidas e ataques chegaram até a Inglaterra, trouxeram consigo um estilo de construção que passa a ser bastante disseminado.

Os bispos e nobres que eram os novos senhores feudais da Inglaterra cedo começaram a afirmar o seu poderio mediante a função de abadias e

mosteiros. O estilo em que esses edifícios foram construídos é conhecido na Inglaterra como estilo normando e no continente europeu, como estilo românico. Floresceu por mais de cem anos após a invasão Normanda. (GOMBRICH, 1995, p. 172)

No período em que se desenvolveu essas construções a igreja detinha um significado de muita importância para aquela sociedade. A igreja era um espaço que contribuía de forma significativa para a dinâmica social, tendo como parte essencial, um espaço físico considerável onde permitia a junção de um maior número de pessoas, além disso, Servia como um referencial para as pessoas que passavam pela região. Dessa forma, é perceptível que tudo quanto fosse relacionado à igreja interessava à população, desde a decoração até as coisas mais complexas. Porém, cabe destacar que a idade média mesmo com todas as mudanças e rupturas, em relação às obras eclesiásticas não houve muitas novidades. As igrejas desse período lembravam bastante as primeiras igrejas e as basílicas que foram edificadas pelos romanos. Mas não eram de fato iguais, as igrejas denominadas de românicas deveriam ser diferentes das antigas.

Nas igrejas românicas e normandas encontramos geralmente arcos redondos assentes em maciços pés-direitos. A sensação causada por essas igrejas, interna e externamente, é de uma robustez compacta. Há poucas decorações, as janelas são poucas, mas as paredes e torres inteiriças lembram-nos as fortalezas medievais.

Essas igrejas poderosas e quase desafiadoras montanhas de pedra erigidas pela igreja em terras de camponeses e guerreiros que só recentemente se haviam convertido do seu modo de vida pagão parecem expressar a própria ideia de Igreja militante, isto é, a ideia de que aqui na terra é tarefa da igreja combater as forças das trevas até que a hora do triunfo desponte no dia do juízo final (GOMBRICH, 1995, p.173)

Mesmo com as bases fundamentais da igreja do período anterior como inspiração a construção das igrejas românicas traziam um desafio constante quanto à decoração, além disso, os problemas usuais que acontecia com as antigas igrejas deveriam ser corrigidos, com o intuito de estabelecer uma igreja mais segura para todos. Desse modo, os primeiros séculos, se apresentaram como um período de adaptação e experimento, esse processo de construção com os arquitetos permitiu que houvesse uma mudança em pontos estratégicos como o teto das novas igrejas e entre outros lugares. Porém, no tocante a decoração é

perceptível que foi um processo paulatino que se desenvolveu de forma diferente em tempos e em regiões diferentes.

Foi na França que as igrejas românicas começaram a ser decoradas com esculturas, embora a palavra “decorar”, também neste caso, seja um tanto enganadora. Tudo o que pertencia à igreja tinha sua função definida e expressava uma ideia precisa, relacionada com os ensinamentos da igreja. O período do final do século XII da catedral de St-Trophime, em Arles, no sul da França, é um dos mais completos exemplos desse estilo. (GOMBRICH, 1995, p.176)

A ARQUITETURA GÓTICA

A arquitetura gótica, diferente do sentido que a palavra gótica representa para a sociedade na atualidade, não traz nada de escuro ou sombrio, na verdade o estilo gótico surge para trazer luz às sombras, isso pode ser afirmado, tanto no sentido literal, pois a arquitetura das igrejas góticas tinha como grande importância a iluminação, e também no âmbito simbólico, tendo em vista que o sagrado traz a iluminação a quem está nas sombras.

O estilo românico não sobreviveu sequer ao século XII. Mal os artistas tinham conseguido construir com êxito as abóbadas das igrejas e disposto as estátuas de uma nova majestosa maneira, quando uma ideia revolucionária fez as igrejas normandas e românicas parecerem desgraciosas, pesadas e obsoletas. A nova ideia nasceu na França setentrional. Era o aparecimento do estilo gótico. No início, poderíamos dizer que era principalmente uma invenção técnica; contudo, em seus efeitos, tornou-se muito mais do que isso. (GOMBRICH, 1995, p. 186)

As comparações entre os estilos artísticos é resultado da dinâmica em que esses estilos se estabeleceram. O ocidente demonstra uma capacidade de mudança muito clara, isso acontece devidos as pesquisas e inquietação dos artistas e profissionais europeus que buscaram aperfeiçoar suas técnicas. Na arquitetura eclesiástica vemos de uma forma clara essa situação, o estilo românico ainda em fase de aperfeiçoamento ver surgir um novo padrão artístico, a arte gótica. As novas catedrais proporcionavam aos fieis o vislumbre de um mundo diferente. Eles teriam ouvido falar, em sermões e cânticos, da Jerusalém Celestial com seus portões de pérolas, suas joias de incalculável preço, suas ruas de ouro puro e cristal transparente (apocalipse, XXI) essa visão tinha descido agora do céu à terra. As paredes das novas igrejas não eram frias e não assustavam.

As novas catedrais propiciavam aos fieis o vislumbre de um mundo diferente. Eles teriam ouvido falar, em sermões e cânticos, de Jerusalém Celestial com seus portões de pérolas, suas joias de incalculável preço, suas ruas de ouro puro e cristal transparente (apocalipse, XXI) essa visão tinha descido agora do céu à terra. As paredes das novas igrejas não eram frias e não assustavam. (GOMBRICH, 1995, p.189)

O projeto de construção dessas igrejas trazia uma experiência que até então não era comum para aquela sociedade, o estilo que surge na França e se desenvolve a partir do século XII era tão grandioso tanto em dimensões quanto na sua decoração, as catedrais levavam um tempo enorme para serem concluídas. Mesmo na atualidade, há relatos do quanto tudo coopera para traduzir a sensação que foi proposta desde o início pelos seus idealizadores, que é uma ideia de vislumbre, as catedrais alcançam dimensões que torna o ser humano ainda menor. É evidente o quanto essas catedrais eram repletas de detalhes que mostravam uma ideia de contato mais próximo entre o homem e os objetos sagrados de sua religião. As igrejas expressam as glórias celestes, era uma aproximação mais clara do belo descrito nas escrituras, mas ao mesmo tempo trazia para os fieis uma infinidade de significados. A grandiosidade desses edifícios não estava somente ligada à estrutura arquitetônica em si, mas a todos os adornos presente, da decoração até o formato das janelas, tudo foi feito na intenção de trazer uma mensagem para os religiosos.

Dessa maneira, quase todas as figuras que se aglomeram nos pórticos das grandes catedrais góticas estão assinaladas por um emblema permitindo que seu significado e mensagem possam ser entendidos e meditados pelos fiéis. Em conjunto elas formam uma consubstanciação dos ensinamentos da igreja tão completa quanto as obras discutidas no capítulo precedente. E, no entanto, sentimos que o escultor gótico enfrentou sua tarefa imbuído de um novo espírito. (GOMBRICH, 1995, p. 190)

Algo que podemos afirmar com toda certeza sobre a arte gótica é que de fato esse estilo de arte se afastou da obscuridade, e de forma contrária a antigas igrejas às catedrais góticas aderiram à luz. Porém, é a luz que se tornou um desafio para essas construções, pois, a luz deveria atingir um local exato. Para isso os virtuais eram de suma importância assim como as estruturas de ferro que também deviam ocupar seu devido lugar, para que tudo isso fosse possível, era necessário um esforço enorme por parte do mestre de obras, ele deveria garantir a certeza de que catedral em hipótese alguma ficasse escura.

Tudo o que dá à catedral sua significação, tudo o que determina o seu aspecto, a irresistível ascensão de suas linhas, o equilíbrio das curvas que a elevam acima das cidades, tudo é conduzido pelo desejo de luz, e esse desejo recrudescer nesses arquitetos ao mesmo tempo que se lhes tornava mais familiar o manejo de suas curvas e de suas linhas. Jamais um edifício menos mentiroso acusou sua função com tamanha inocência. (Faure. 1990.p.207)

2. Igreja e Convento de São Francisco (São Cristóvão-SE)

A presença do estilo Românico no Brasil, parte de uma perspectiva diferente, ao contrário do gótico, como foi destacado anteriormente, o estilo românico não sobreviveu ao século XVII. Porém as características essenciais desse estilo arquitetônico, não somente sobreviveu como está presente de forma clara em uma diversidade de construções que tinha como objetivo em seus primórdios a defesa, a proteção. A priori, os edifícios que recebiam a arte românica eram os mosteiros, que foram feitos de uma forma clara para se estabelecer como um suporte, ou um local de proteção para aquela sociedade medieval. Além disso, viajantes que passavam por perto das construções via o local como uma espécie de refúgio, é necessário destacar também que os mesmos surgem em um período do medievo onde a guerra era parte da dinâmica social e a necessidade de proteção era evidente. Desse modo, como o estilo surge ainda em um período de adaptação, a construção de igrejas e mosteiros era feita de forma simples, com pouca ornamentação, servia mesmo como um local de proteção para a população, característica essencial que se propagou em diversas construções ao decorrer do tempo. A arquitetura voltada para a defesa permaneceu por muitos tempos em alguns lugares da Europa, e por consequência chega a Portugal, que em seu processo de colonização na América acaba trazendo essas influências para o Brasil.

Em Portugal predominou o estilo Manuelino na construção civil e religiosa, despontando, em seguida, a fase maneirista considerada como época de decadência das artes plásticas e propiciadora da arte barroca¹. Esse estilo caracterizou-se pelo luxo e majestade das proporções, caindo, quase sempre, em exageros. (NASCIMENTO, 1981, p.15)

Para entendermos um pouco acerca do caráter defensivo das construções analisadas nesse capítulo, antes se faz necessário compreender de forma sucinta alguns

acontecimentos importantes que marcaram a história da Cidade de São Cristóvão, a cidade fica a 25km da capital Aracaju e foi a primeira capital de Sergipe, São Cristóvão foi fundada por Cristóvão de Barros e leva o título de quarta cidade mais antiga do Brasil. A cidade de São Cristóvão foi fundada em 1590 após uma sucessão de batalhas contra os franceses, posteriormente foi construído um forte e deu-se início a um povoamento, ao se debruçar sobre a história de Sergipe e da sua primeira capital é possível perceber que a cidade sofreu sucessivas mudanças até que foi possível firmar-se no atual local, que fica a margem do Rio Paraporama, a causa das mudanças não é um consenso entre os historiadores, porém existem algumas hipóteses sobre as motivações.

Os invasores chegaram a Sergipe no início da administração do conde João Maurício de Nassau, que, em janeiro de 1637, desembarcava em Recife para governar o Brasil-holandês, enviado pela companhia das índias Ocidentais. Sua administração, prolongada até 1644, marcou o período áureo da ocupação holandesa, não só pelo alargamento das conquistas territoriais, pelas medidas administrativas executadas, a prosperidade econômica alcançada, como pelo florescimento cultural ocorrido (NUNES, 2006, p.81)

A história da cidade é marcada por um histórico de sucessivas batalhas que aconteceram no período colonial, Além das investidas dos franceses para ocupação do território a invasão Holandesa foi marco na história da cidade, os holandeses invadiram Sergipe em 1607, a cidade era o alvo principal, sabendo disso o exército luso-brasileiro chega à região em 30 de março, pouco tempo depois volta para a Bahia, mas antes de partir faz uso da tática “terra arrasada” onde atearam fogo e devastaram tudo, em meio a tantas lutas entre os exércitos, os invasores recuaram. Porém, fica claro que anos depois, quando as primeiras companhias chegaram para firmar-se em São Cristóvão, não seriam construídos templos sem segurança, tendo em vista o histórico de guerras e conflitos que se sucedeu nesses locais, a maioria dos conventos feitos no período colonial é composto de paredes pesadas, que lembram muralhas, onde a segurança era o essencial em um período tão conflituoso.

A presença dos holandeses no território sergipano (1637/1645) desmantelou a incipiente sociedade local. Somente após a expulsão dos invasores, seria retomado o ritmo de desenvolvimento. Passariam a integrá-la novos componentes, além dos anteriores habitantes que retornaram. Chegaram pernambucanos, paraibanos, alagoanos, rio-

grandenses, que haviam acompanhado Bagnuolo na retirada de 1637, e baianos, desmobilizados das tropas combatantes. (NUNES, 1996, p.148)

Todo esse processo de lutas que ocorre no território de São Cristóvão acaba atrapalhando o desenvolvimento econômico da cidade, a dificuldade aparente de recursos deixava mais clara a dificuldade em reconstruir até mesmo os casarões que havia na cidade, desse modo, fica evidente que não havia inicialmente a capacidade de erguer monumentos bem ornamentados e com uma rica decoração, ao contrário disso, as primeiras companhias que chegam à cidade para firmar igrejas não obtinham tanto poder econômico.

Durante as várias lutas travadas entre portugueses e holandeses Expulsos os holandeses, em solo sergipano, a cidade de São Cristóvão, centro político, administrativo e econômico da Capitania, foi parcialmente destruída. Palco de incêndios e de saques, não teve por parte do dominador batavo qualquer atenção, nem mesmo foi permitida a restauração do seu casario. (NASCIMENTO, 1981, p.30)

Tendo em vista todo o processo conflituoso em que se insere a cidade onde algumas construções eclesiásticas obedecem a ideia de defesa, é possível analisar as características da arte românica medieval nesses monumentos, e também de que forma essas configurações artísticas se apresentam nessas construções de uma sociedade colonial.

Após o advento da Bula Apostólica que separou a Província Franciscana, de Portugal, fato ocorrido em 5 de novembro de 1.659, ocasião em que foi feito o primeiro Provincial Franciscano do Brasil, Frei Antônio dos Mártires, foi autorizada, no ano de 1.667, a construção desse soberbo monumento, considerado mais belo, na arte barroca, em Sergipe del Rei. (NASCIMENTO, 1981, p.37)

De um modo geral o conjunto Franciscano situado na Cidade de São Cristóvão, é um complexo arquitetônico que transmite uma sensação clara de nos reportar a um tempo distante, ao tempo da sua construção, toda a arquitetura da Praça São Francisco é brilhante e homogênea, para todos os lados em que o olhar é direcionado, é possível enxergar de forma clara a arquitetura colonial Brasileira, sendo dessa forma considerado um dos mais belos conjuntos arquitetônicos do Brasil, a praça demonstra um desenho simples, uma arquitetura de linhas retas, e sóbrias características da Ordem de São Francisco. A

construção do conjunto parte de uma decisão tomada em 1657, época em que os Franciscanos chegaram a cidade de São Cristóvão, liderados pelo Frei Luiz do Rosário.

Informa-se em 1.760 que nem a igreja, nem o convento havia sido concluído face à “ indigência e a pobreza do lugar”. Porém, é bem possível que já existissem, pelo menos, três imagens, o retábulo, a talha do altar de Nossa Senhora da Conceição e o lavado da sacristia, em pedra calcária, o qual exibe uma inscrição datada de 1725. Depois foi construído o original claustro; que apresenta pilares quadrados, de ângulos cortados em chanfros. (NASCIMENTO, 1981, p.38)

Um dos monumentos que expressa parte dessa arquitetura e que está imerso no contexto citado é a Igreja conventual, que hoje é o atual Mosteiro de São Bento, a datação comprava que é uma construção do período colonial na qual obedece a ideia de arquitetura de defesa citada a cima, é uma obra feita em um ponto alto e estratégico da cidade de São Cristóvão, foi uma construção que teve início no século XVIII, o responsável foi o Frei Antônio de Santa Eufrásia Barbosa. A igreja foi edificada em estilo barroco o seu frontão conta com uma rica decoração em pedra calcária, é também é importante destacar que ostenta o escudo da Ordem Carmelitana. O convento que já existia em meados do século XVII, foi reedificado entre 1755 e 1763 pelo frei José Ângelo Teixeira, sua arquitetura foi inspirada no modelo Franciscano.





A igreja senhor dos Passos, que também faz parte do conjunto franciscano nos mostra em suas características traços claros da arte barroca, no ângulo de uma das paredes é possível encontrar uma inscrição feita em pedra calcária, que contém o número 1739, esse número com o pórtico 1743. Feito em estilo barroco o seu Frontão é composto pela imagem de nossa senhora do Carmo, também feita em pedra calcária contendo uma inscrição em latim. É possível ver também a capela-mor que tem seu teto um medalhão policromado em gamela. Com a devoção a senhor dos passos, a capela da ordem terceira, passou a ser conhecida como igreja senhor dos passos.

A arquitetura em estilo barroco é claramente encontrada na maioria das construções do período colonial no Brasil, porém assim como os fortes que foram construídos nas primeiras cidades coloniais, com o objetivo de proteger essas povoações de invasores, as igrejas do período obedeciam claramente às características de uma arquitetura de defesa que tem ligação direta com a igreja militante, a igreja românica medieval.

A PRESENÇA DO NEOGÓTICO:

Para estabelecer um melhor entendimento acerca dos monumentos que expressam resquícios da arquitetura medieval em Sergipe, é necessário antes entender de que forma essa arte chega ao Brasil. As reminiscências da arquitetura gótica medieval são evidentes ainda na atualidade, A arte gótica se propagou e se renovou influenciando uma grande quantidade de construções ao decorrer do tempo, como prova disso, no século XVIII na Europa surge o movimento neogótico trazendo uma renovação do estilo glótico do medievo.

Existem diversos fatores que contribuíram para a efervescência do estilo neogótico nesse período na Europa, Leonardo Benévolo, destaca que o êxito desse movimento tem total relação com as reformas sociais e urbanísticas que acontecem na França e na Inglaterra no ano de 1830. Com a reforma de grandes cidades, a presença do estilo neogótico em algumas construções fica ainda mais evidente.

O ano de 1830, que assinala o início das reformas sociais e urbanísticas, assinala também o exitoso movimento neogótico na arquitetura, a possibilidade de imitar as formas góticas, ao invés das clássicas; está presente na cultura arquitetônica desde a metade do século XVIII e acompanha, com manifestações marginais, todo o ciclo do neoclassicismo. Concluindo implicitamente o caráter convencional da escolha neoclássica. (BENÉVOLO 1976, p. 82)

Tendo em vista, a presença desse estilo arquitetônico em grandes centros da Europa, Portugal que ainda estabelecia uma relação política com a Inglaterra em meados de 1772, acaba recebendo influência no campo da arte, e por consequência o estilo neogótico se faz presente em algumas construções portuguesas. É certo que consequentemente a arquitetura do estilo neogótico chegaria ao Brasil. Um fator que inspirou a arquitetura brasileira de forma lógica foi essa ligação com Portugal, no entanto, alguns acontecimentos contribuíram para que essa influência se fizesse mais presente.

Com a vinda da Família real portuguesa para o Brasil, a arquitetura brasileira passa a se moldar, e a receber ainda mais as características das grandes metrópoles da Europa, a primeira cidade a expressar essas influências foi a então capital Rio de Janeiro, Porém, toda a preparação para receber a família real foi apenas o início, a cidade do Rio de Janeiro passaria por grandes reformas mais a frente, o projeto de erguer uma nova cidade estava apenas começando.

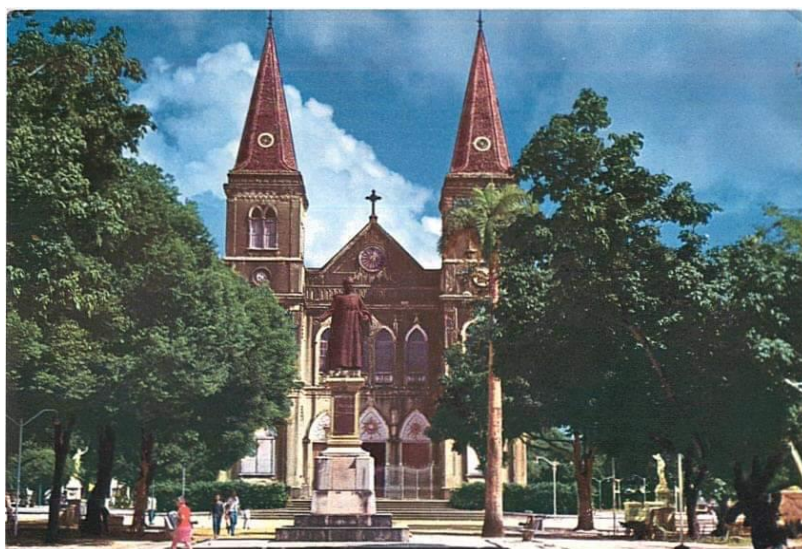
Para, além disso, é importante destacar que com o Brasil recebendo o status de sede do império, o país passa a sofrer a influência de algumas correntes ideológicas como o revivalismo e até o romantismo, é necessário também destacar, que houve uma onda de influência europeia na moda e na cultura desse período. Desse modo, vemos que esse contexto acaba propiciando um ambiente fértil para a chegada do estilo neogótico no Brasil, essa adesão é intensificada com a chegada do ecletismo, que se fez presente em construções importantes por todo o país. Por consequência Sergipe recebe a influência do ecletismo, através de uma variedade de estilos presente na arquitetura sergipana, o neogótico de forma clara é expresso através de obras eclesiásticas como, por exemplo, a catedral metropolitana do estado. O ecletismo em Aracaju se torna perceptível através da variação de estilos que compõem a arquitetura da capital, essa diversidade de estilos que é complexa, mostra ao mesmo tempo uma marcante inquietude intelectual e também traços de uma singularidade bem visíveis, mesmo com todos os fatores que tornam essas construções únicas, a presença do ecletismo mostra que havia uma nova clientela burguesa presente na cidade (PORTO, 2011, p.39)

3. A CATEDRAL METROPOLITANA DE ARACAU:

Um dos principais monumentos que da arquitetura sergipana, a Catedral metropolitana de Aracaju tem a sua história atrelada ao surgimento da nova capital do

Estado. A construção da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, data de 1862, porém, a igreja foi inaugurada na década seguinte, em 22 de dezembro de 1875, alguns fatores contribuíram para o atraso na conclusão da obra, um dos fatos mais consideráveis foi o da epidemia de cólera, um agravante que ocasionou a morte de centenas de cidadãos. Além disso, foi visto que tanto a construção como as reformas da igreja foram feitas mediante muito esforço. A igreja matriz que antes pertencia à arquidiocese de Salvador, através de um decreto é desmembrada tornando-se catedral em 03 de janeiro de 1910. Com tudo, é necessário destacar a importância que a igreja em questão desempenhou em um momento importante como o de consolidação de Aracaju como a nova capital do estado, e essa importância se dá em diversos aspectos, como aspectos, sociais, culturais e até mesmo intelectuais. Um detalhe importante onde a relação entre a arquitetura e a sociedade fica clara é o fato de que com o momento em que a cidade de Aracaju estava vivendo, a catedral começa a receber reformas e mudança na sua ornamentação, Para acompanhar a nova fase da cidade.

O estilo gótico presente na catedral metropolitana de Sergipe traz de forma clara a ideia de imponência, ela consegue resgatar memórias da glória vivida pela igreja na época onde a religião obtinha uma influência direta em uma sociedade regida pelos seus parâmetros, dogmas e ideias, demonstrando que o estilo gótico ainda impactava com suas dimensões de grandeza, trazendo a luz através de seus vitrais para um novo momento onde a capital sergipana estaria em pleno desenvolvimento.



Em 21 de setembro de 1862 os aracajuanos congregaram-se para uma cerimônia festiva e religiosa. Metidos nos sisudos trajes dos dias de festa, assistiram, pelas quatro horas da tarde, ao lançamento da pedra fundamental da igreja Matriz, bem na várzea da cidade, para lá da “vala”. Era o começo de uma nova fase na vida da cidade. Aquela pedra abriu uma brecha na imaginária muralha dentro da qual a cidade tacitamente se encerra. A criação da praça matriz abriu o caminho por onde a cidade se desdobrou para o oeste. (PORTO, 1991, p. 70).

A Catedral Metropolitana é parte de um conjunto arquitetônico de muita importância que está localizado no centro da capital Aracajuana, esse conjunto expressa claramente características da arquitetura eclética. A edificação em questão também pode ser classificada como um tipo de construção que se baseia em formas e em estilos do passado, nesse caso em específico representando o neogótico.

Dessa forma, vemos que a Catedral Metropolitana apresenta as características da arquitetura brasileira que prevalecia no final do século XIX, isso é expresso nos seus mais diversos aspectos, retratando como o estilo neogótico se desenvolve em edificações no Brasil. Além disso, é necessário destacar a singularidade com que cada edificação exerceu em seus detalhes.



Outra lição apreendida e possível de ser verificada nessa edificação é a relação estrutura-decoração, dentro de um princípio ideológico de economia. Assim, no interior, não se veem as abóbadas nervuradas, mas sim uma grande abóbada de berço, na qual a pintura decora o nervuramento e ornamenta o interior da edificação (fingidos). Mesmo com esta simplicidade estrutural, ainda dominam a “pele/fachada” os

arcos ogivais das janelas e se impõem com supremacia sobre o corpo da edificação o volume verticalizado das duas torres em forma de grandes setas.(NOGUEIRA e SILVA, 2018P. 81)

Em suma, vemos que a catedral, é um exemplo claro de obra arquitetônica que tem como base de inspiração o estilo gótico, e por consequência o neogótico, mesmo não havendo em sua arquitetura todas as características da arte gótica, a igreja carrega algumas características importantes, mesmo com o advento das reformas, a igreja manteve suas características presentes, houve mudanças como abertura de paredes, alterações de colunas, e até mesmo mudanças no teto, porém houve muitas permanências.

A Catedral de Aracaju, por sua vez, é uma representação ímpar dessa busca de Ruptura e não Ruptura com as tradições, materializada por um objeto construído/alterado/transformado, ou seja, é uma edificação Eclética, marcante no Neogótico. Sua forma e elementos primários constitutivos (janelas e portas ogivais), assim como sua torre e frontispício que buscam alinhavamento com a verticalidade do gótico flame-jante. (NOGUEIRA e SILVA, 2018, p.40)

Considerações finais:

Mesmo sabendo que o processo de colonização da América e do território que conhecemos hoje como Brasil tenha acontecido após o período que é denominado de idade média, os colonizadores que aqui chegaram vieram munidos de uma herança medieval, essencialmente religiosa que está presente até hoje em nossa sociedade. Com o avanço da colonização do território e a investida de outras nações para exploração das riquezas do novo mundo, logo foram construídas verdadeiras fortalezas, a fim de proteger esse território, na arquitetura podemos destacar a construção de fortes, e Posteriormente igrejas que foram erguidas no início da ocupação portuguesa a fim também de proteger o novo mundo do paganismo e da influência de outras religiões, Desse modo, as construções voltadas para a defesa trazem uma grande herança do período medieval e foram disseminadas pelo Brasil durante o período da colonização.

Portanto, a arquitetura eclesiástica presente na cidade de São Cristóvão SE expressa de forma clara a presença de elementos de uma arquitetura voltada para a defesa, estabelecendo uma ligação com a herança medieval europeia dos colonizadores

portugueses. Essa arquitetura é expressa em mosteiros, igrejas e praças e a análise desses monumentos nos permite compreender o período colonial de uma forma mais clara, tendo em vista a relação entre a história local e a história dos próprios monumentos. É importante destacar que as igrejas analisadas em São Cristóvão, são compostas de elementos do barroco, toda via; como foi salientada a arte românica não resistiu ao tempo e logo foi substituída pela arte gótica, essa substituição se deu em novas construções, mas a arte românica deixou uma herança evidente, as construções que lembram muralhas, levantadas em locais estratégicos para o fim da defesa!

De forma conjunta, as fortalezas militares que foram erguidas para defesa do novo território de invasores e as igrejas e mosteiros estabeleceram uma relação de utilidade parecidas no período colonial, mostrando que havia uma relação clara, e que o barroco se desenvolve assim como se desenvolviam as fortalezas, Victor, L. Taipé, ao descrever o barroco e falar da sua simplicidade destaca que: “foi um estilo composto de muita força: O barroco é alegria, exuberância, opulência que se desenrola. Como chamar barroco a uma obra poderosa e concentrada, que é simultaneamente fortaleza e catedral? ” (VICTOR, 1972, p. 130)

Os conventos dos Beneditinos, como o do Rio de Janeiro, adotaram o estilo severo do classicismo de Herrera: grossos pilares de ordem toscana envolveram os claustros. As igrejas, entre torres quadradas encimadas de pirâmides atarracadas, tinham como decoração apenas a sóbria linha de frisos de pedra, em redor dos arcos do pórtico e das janelas retangulares do coro (4). A conquista não estava tão segura que não fosse necessário preocupar-se com a defesa. Há igrejas coloniais fortificadas e o próprio convento de São Bento apresenta, do lado da baía, um muro forte e vigoroso, como o de uma cidadela. (VICTOR, 1972, p. 162)

A arquitetura gótica, para além da sua função artística, com as inovações em relação a técnicas de arquitetura, também influenciou a economia e a vida urbana da sociedade medieval, A utilização de uma arquitetura que proporciona um sentimento de clareza e ao mesmo tempo segurança para aquelas construções foi essencial para o avanço do estilo gótico na Europa. Esse estilo é ressignificado e se mantém vivo através do neogótico, fruto do revivalismo, após o advento da revolução industrial as técnicas do neogótico são difundidas em diversas construções da Europa e também chega ao Brasil.

Os monumentos históricos que compreendem a presença do estilo neogótico são essenciais para que possamos compreender a importância desses estilos na dinâmica de desenvolvimento das cidades, no caso de Sergipe, vemos que a construção e as reformas da catedral metropolitana, denominada de Catedral Nossa Senhora da Conceição foi um marco importante na para a nova Capital, mostrando dessa forma uma ligação entre o momento econômico, político de uma cidade e a arquitetura. Aspectos que se relacionam quando buscamos compreender a história local.

A presença do neogótico foi algo que não se restringiu a apenas um edifício religioso, um dos monumentos que também pode ser listado é a Igreja de São Salvador. Na emergência de uma igreja para que os cultos seguissem sem interrupção o local foi construído e posteriormente ficou conhecida como Igreja de São Salvador. É um monumento que de forma clara apresenta características do neogótico em sua arquitetura e mesmo não sendo idealizado para ocupar o posto de Matriz carrega elementos claros do ecletismo. Além disso, a igreja de Santo Antônio também carrega parte dessas influências em sua construção.

Outros exemplos arquitetônicos remanescentes em Aracaju que marcam essa tensão de Ruptura e não Ruptura são as construções religiosas de influência neogótica, representadas pelas três Igrejas mais antigas da Cidade: a Igreja de São Salvador, a Catedral Nossa Senhora da Conceição e a Igreja de Santo Antônio (NOGUEIRA e SILVA, 2018, p.41)

Dessa forma, é possível perceber que o estudo de obras arquitetônicas possibilita um entendimento mais amplo da história de casa localidade, tendo em vista, que há uma relação entre o estilo arquitetônico e o momento social, Fica evidente o quanto o estudo dessas edificações, altera o nosso modo de ver a cidade, despertando um olhar consciente quanto a sua história, portanto, conclui-se essa pesquisa com um grande desejo de aprofundamento de monumentos que remontam a história local, Sendo parte material Desse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUERBACH, Eric. Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BENÉVOLO, Leonardo. Nascimento e desenvolvimento da cidade industrial. In: História da Arquitetura Moderna. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUBY, Georges. Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos. Trad. Eugênio Michel da Silva e Maria Regina Lucena Borges-Osório. São Paulo: Editora da UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

ECO, Umberto. Arte e beleza na estética medieval. Tradução de Mario Sabino Filho. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FAURE, Elie. A Arte Medieval / Élie Faure; tradução de Álvoro Cabral. São Paulo: Martins fontes, 1990.

GOMBRICH, E. A História da Arte. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

PORTO, Fernando F. Alguns nomes antigos do Aracaju. 2 ed. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2011.

NUNES, Maria Thetis. Sergipe colonial II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. Sergipe Colonial I. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

NOGUEIRA, D.S.; SILVA, A.D. Arquitetura aracajuana: a imposição do tempo. São Cristóvão/SE: Editora UFS, 2018.

KOSLOWSKI, Adilson. Acerca do problema da definição de Arte. Revista Húmus. vol. 2, n. 8, pp. 1-9, 2013.

VICTOR, L. Taipé. Barroco e Classicismo II. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

PORTO, Fernando de Figueiredo. A cidade de Aracaju 1855/1866. Aracaju: FUNDESC, 1991.

_____. Alguns nomes antigos do Aracaju. Aracaju: J. Andrade, 2003.

VERNANT, Jean-Pierre. Nascimento das imagens. In: LIMA, Luiz Costa. (org.) Mímesis e a reflexão contemporânea. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, pp. 51-86.